

Análise Institucional e Intervenção: breve referência à gênese social e histórica de uma articulação e sua aplicação na Saúde Coletiva¹

Institutional Analysis and Intervention: a brief reference to the social and theoretical genesis of an articulation and its application in Collective Health

Solange L'Abbate

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO:

A gênese da Análise Institucional é indissociável das condições histórico-sociais que a produziram, sendo a articulação entre teoria e prática sua marca fundamental. Para melhor explicitar aspectos dessa origem, o texto apresenta, de forma breve, algumas contribuições de René Lourau, Georges Lapassade e Félix Guattari para a constituição dessa disciplina. São apresentados e discutidos também os significados da palavra intervenção, no sentido de demonstrar a especificidade da Socioanálise, que é a Análise Institucional em situação. Ressalte-se que qualquer intervenção se realiza no âmbito de um contexto mais amplo, daí a necessidade de distinguir e, ao mesmo tempo, articular campo de análise e campo de intervenção. Para tanto, os conceitos de implicação e transdução devem estar associados. A apresentação de algumas inserções da Análise Institucional na Saúde Coletiva busca apontar as possibilidades de aplicação dessa abordagem e, ao mesmo tempo, identificar algumas transformações da intervenção socioanalítica em anos recentes.

Palavras-chave: Análise institucional; Intervenção; Campo de análise e Campo de Intervenção; Análise Institucional e Saúde Coletiva.

ABSTRACT:

The genesis of Institutional Analysis is inseparable from the social and historical conditions that produced it and the articulation between theory and practice is its fundamental feature. To better explain some aspects of that origin, our paper presents some contributions by René Lourau, Georges Lapassade and Félix Guattari who helped establish that discipline. The meanings of the word intervention are also presented and discussed to demonstrate the specificity of Socio-analysis, which is Institutional Analysis in situation. We further highlight that all interventions occur within a broader context, hence the need to distinguish and to articulate the field of analysis and the field of intervention. To this end, the concepts of implication and transduction must be associated. We present some implementations of Institutional Analysis in Collective Health to demonstrate its possible application and at the same time to identify some transformations of the socio-analytical intervention in recent years.

Key-words: Institutional analysis; Intervention; Field of analysis and Field of intervention, Institutional Analysis and Collective Health.

A análise institucional implica um descentramento radical da enunciação científica. Mas, para consegui-lo, não basta dar a palavra aos sujeitos envolvidos – às vezes formal, inclusive jesuítica. Além disso, é necessário criar as condições de um exercício total, paroxístico mesmo, desta enunciação. A ciência nada tem a ver com medidas justas e compromissos de bom-tom. Romper, de fato, as barreiras do saber vigente, do poder dominante, não é fácil... É todo “um novo espírito científico” que precisa ser feito (GUATTARI, apud LOURAU, 2004: 66, aspas do autor).²

Este texto analisa, de forma sintética, a relevância das práticas de intervenção para o movimento da Análise Institucional, que se originou na década de 1960 na França e difundiu-se, a partir de 1970, no Brasil. Isto porque processos de intervenção desenvolvidos em organizações de diferentes tipos foram fundamentais para a criação, desenvolvimento e aplicação do arcabouço teórico-metodológico do Institucionalismo.

O caminho escolhido foi o resgate dos significados da palavra intervenção, e de algumas contribuições de três autores considerados de grande relevância para o institucionalismo francês: René Lourau, Georges Lapassade e Félix Guattari. Buscou-se ainda caracterizar as mudanças que se processaram em anos recentes nos trabalhos de intervenção na Análise Institucional francesa. E, nessa perspectiva, mencionar alguns trabalhos nos quais o referencial da Análise Institucional tem sido utilizado para análise e intervenção de objetos do campo da Saúde Coletiva.

Em relação às diferenças nos processos de surgimento da Análise Institucional na França e no Brasil, observe-se que, na França, o institucionalismo teve início na década de 60, no contexto de fortes movimentos contestatórios. Tais movimentos questionavam as práticas dos partidos políticos de esquerda, dos hospitais psiquiátricos, das escolas de nível médio, das universidades e das fábricas. Na realidade, eram as instituições da política, da psiquiatria, da educação e do trabalho que estavam sendo postas em xeque. Considera-se como ápice desse processo, o movimento de Maio de 1968. (RODRIGUES 1994, 2000 e 2004)

Por outro lado, no Brasil, a Análise Institucional foi introduzida no início dos anos 70, num contexto político bem diverso, marcado pela restrição ainda violenta das liberdades civis e políticas e do desrespeito ao direito de cidadania, em que pese os primeiros sinais de abertura política a partir de 1975.

Rodrigues e Barros (2003) assinalam que a Análise Institucional foi introduzida no nosso país à mesma época de outras formas de trabalho de grupo, e entre elas resultou um tipo de casamento heterogêneo, característica presente até os dias atuais.

1. Intervenção: uma palavra com diferentes significados

Para precisar e ampliar os sentidos de qualquer palavra, recomenda-se a ida aos dicionários, pois as palavras são vivas em sua existência política, histórica e social. Daí o interesse de percorrer o deslizamento dos significados do verbo intervir e do substantivo intervenção, retendo algumas acepções de interesse para esta análise.

De acordo com o Dicionário Houaiss, etimologicamente, o verbo intervir deriva do latim e significa 'estar entre, sobrevir, assistir, entrometer-se, ingerir-se, meter-se de permeio, embaraçar-se, impedir' (HOUAISS, 2000: 1638). Observe-se que ver é o infinitivo do verbo ver e vir, o futuro do subjuntivo do mesmo verbo. E intervenção significa: "Ato de intervir 1. ingerência de um indivíduo ou instituição em negócios de outrem, como intercessor, mediador etc. 2. em um debate, discussão, sessão etc., ato de emitir opinião e contribuir com ideias etc. 3. interferência do Estado em domínio que não seja de sua competência, embora constitucionalmente legítima, por exemplo, para apuração de irregularidades em empresas, bancos etc." (HOUAISS, 2000: 1637)

Para o dicionário Le Petit Robert, *intervenir* e *intervention* significam, traduzindo livremente para o português: intervir (...) 2. Tomar parte em uma ação, num assunto em curso, na intenção de influir sobre seu desenvolvimento. *Intervir num processo*. Intervenção tem origem no latim jurídico, significando: 1. o ato pelo qual um terceiro, que não fazia parte originalmente numa contestação judiciária, nela se apresenta para tomar parte. *Intervenção em primeira instância. Em recurso. Fazer um pedido de intervenção*. 3. Em uso corrente: Ação de intervir (pela palavra ou pela ação). *Intervenção de um orador num debate*. Num sentido mais estrito. Ato de ingerência de um Estado nos assuntos de um outro. País que solicita a intervenção de um aliado. *Política de intervenção* que consiste em intervir nos assuntos de um país estrangeiro" (LE PETIT ROBERT, 2004: 1346, itálico do texto).³

Desse conjunto de significados sobre os termos intervir e intervenção, fiquemos com a noção de intervenção que advém de intervir/vir entre, lembrando que vir é subjuntivo do verbo ver, indicando, portanto, a condição de uma visão outra, que se espera de um terceiro, convidado a intervir.

Vale ressaltar, todavia, que no Brasil o uso da palavra intervenção para caracterizar atuações de psicólogos, pedagogos, sociólogos e outros profissionais em diferentes organizações sofreu uma certa resistência. O sentido de intervenção estava quase sempre associado a ações autoritárias do Estado e/ou de outras instâncias de poder. Acredito que isto se deva, em parte, ao fato do nosso país ter tido, em seu passado recente, a experiência de duas ditaduras: a de Getúlio Vargas (1937 a 1945) no chamado Estado Novo e a mais recente, instaurada pelo golpe militar de 1964, que durou até 1985, ou seja, 21 anos. Assim, para nós, brasileiros, falar de intervenção lembra, quase imediatamente, a ação autoritária e, na maior parte das vezes, cruel do Estado na vida política da nação e dos cidadãos.

2. A análise institucional nasceu da articulação entre intervenção e pesquisa, entre teoria e prática

Buscar as origens e significados da expressão Análise Institucional é algo de grande complexidade, dado a variedade de movimentos, teorias e diversidade de autores que contribuíram para sua formulação (BARBIER, 1985), razão pela qual Heliana Conde Rodrigues prefere denominar esse grande e intrincado cipoal de Institucionalismo Francês (RODRIGUES, 1994).

De acordo com Gregório Baremlitt, “o Movimento Institucionalista é um conjunto heterogêneo, heterológico e polimorfo de orientações, entre as quais é possível encontrar pelo menos uma característica comum: sua aspiração a deflagrar, apoiar e aperfeiçoar os processos auto-analíticos e autogestivos dos coletivos sociais” (BAREMBLITT, 2002:11).

Para Heliana Conde Rodrigues, de início, é necessário esclarecer que essa disciplina/movimento/corrente⁴ – denominações comumente atribuídas à expressão “Análise Institucional” – não tem um sentido único, pois, no interior do que se costuma denominar ‘institucionalismo francês’, devemos considerar a Análise Institucional e a Socioanálise, de tradição dialética, originadas, sobretudo, das obras de René Lourau e Georges Lapassade, e, de outro lado, a Esquizoanálise, inspirada na filosofia da diferença, relacionada a Félix Guattari e Gilles Deleuze (RODRIGUES, 1994: 895-900; BAREMBLITT, 2002).

Quando se considera a Socioanálise, as intervenções adquirem um caráter mais totalizador e sedentário, enquanto na esquizoanálise seriam mais fragmentárias e

nômades (RODRIGUES, 1994). Deve-se reconhecer, entretanto, na experiência brasileira, a dificuldade de limites muito precisos entre essas duas formas, dado a migração e articulação de conceitos entre elas.

Para a finalidade desse texto, estou assumindo que a Análise Institucional tem por objetivo compreender uma determinada realidade social e organizacional, a partir dos discursos e práticas dos sujeitos. Para tanto, tendo por base um conceito dialético de instituição, a Análise Institucional utiliza-se de um método constituído de um conjunto articulado de conceitos, dentre os quais os mais relevantes são os de encomenda e demanda, transversalidade, analisador e implicação. Quando o material empírico da análise é constituído por documentos, observações e entrevistas, tem-se a 'análise de papel'. Nesse caso, há um profissional que assume o papel de perito que fornece um diagnóstico, elucidando problemas da organização. No caso de trabalho acadêmico, um estudioso que realiza uma análise de cunho teórico sobre uma determinada organização. Quando esse tipo de análise é realizada em situação, por um terceiro que atende à encomenda de um grupo ou organização, trata-se da Socioanálise, que Lourau considerava como uma intervenção próxima à clínica psicanalítica (LOURAU, 1975).⁵

De forma geral, há um acordo entre os estudiosos de que René Lourau, Georges Lapassade e Félix Guattari são os autores que construíram os fundamentos da Análise Institucional e da Socioanálise. Há muitas diferenças entre os três: enquanto Lourau e Lapassade permaneceram juntos no âmbito da Análise Institucional e da Socioanálise e trabalharam em universidades, Guattari nunca esteve ligado formalmente ao mundo acadêmico e, em colaboração com Gilles Deleuze, criou a Esquizoanálise, conforme referido.

Mas o que gostaria de destacar é que ao proporem análises, elaborando conceitos em distintos quadros de referência, esses autores estavam, ao mesmo tempo, intervindo em organizações: Lourau e Lapassade intervinham em escolas, associações, sindicatos, setores da igreja e de universidades e Guattari atuava, sobretudo, em hospitais psiquiátricos, mas mantendo contato com grupos, os mais diversos.

2.1 René Lourau, o fundador da Análise Institucional

Atribui-se a Guattari (ROLNIK, 1987; RODRIGUES, 1997) a invenção da expressão Análise Institucional e a Lapassade, a criação da Socioanálise. Deve-se, todavia, a René Lourau a sistematização teórico-metodológica dessa abordagem, que foi

originalmente desenvolvida na sua “Thèse d’État”, defendida na Universidade de Nanterre em 1969, publicada em 1970 no livro “L’analyse Institutionnelle”. Esta é a obra na qual o autor construiu o conceito de instituição, fundamental para a formação dessa disciplina. A novidade do conceito desenvolvido por Lourau é, de um lado, seu caráter dialético e, de outro, a possibilidade de sua articulação com algumas disciplinas: da filosofia do direito à sociologia positivista, da antropologia ao marxismo. Este livro inaugural foi publicado no Brasil em 1975.

Hegel e Castoriadis foram os autores nos quais Lourau se baseou para construir o conceito de instituição. O primeiro fundamenta a noção de dialética a partir da concepção de um movimento de afirmação/negação e negação da negação (HEGEL,1980); enquanto para Castoriadis (1982), cada instituição social é entendida como resultado de um movimento dialético contínuo entre instituído/instituinte.

Com base nessas concepções, Lourau (1975) considerava toda instituição, “desde o salário até o casamento”, como sendo o resultado da articulação entre três momentos: o momento da universalidade ou o instituído, pelo qual a instituição é reconhecida e nomeada; o momento da particularidade ou o instituinte, que não cessa de negar o momento anterior; e o momento da singularidade, resultado da relação dialética entre os dois momentos anteriores, que é a institucionalização, mediante a qual a instituição é tensionada e se atualiza na ação dos sujeitos que a constituem. Ou seja, retornando a Hegel (1980), como na relação entre o botão, a flor e o fruto, uma forma nega a outra, exatamente para conservar a verdade da planta que é a de continuar a existir como tal.

Dada a variedade de modos de definir instituição nas ciências humanas e sociais, o autor concluiu que o conceito de instituição é um conceito em crise, pois é, ao mesmo tempo, polissêmico (tem vários sentidos), equivocado (designa sucessivamente o instituído e o instituinte) e problemático (a instituição não se apresenta imediatamente à observação) (LOURAU, 1975: 139-143).

Para Lourau, as intervenções de cunho psicanalítico, psicossociológico e pedagógico, bem como a psicoterapia institucional são fontes importantes para a pesquisa da Análise Institucional, mas ele pretendeu avançar “rumo à intervenção socioanalítica”. Para tanto, procurou definir as condições *teóricas* e as condições *práticas* desse tipo de abordagem. As condições *teóricas* servem para evitar “confusões e reduções” às quais todo novo método se arrisca, quando se expõe. Para tanto, o autor

recorre novamente a Hegel ao afirmar que “a crítica de uma tese é primeiramente o reconhecimento dessa tese, e que opor um conceito a outro é participar do trabalho de análise deste último”. As condições *práticas* referem-se a “de um lado, tudo quanto determina o lugar do analista (individual ou coletivo) na situação de intervenção, o estudo do posto do trabalho analítico e, de outro lado, a técnica de pesquisa, isto é, a aplicação concreta dos dados teóricos contidos no método” (LOURAU, 1975: 265-6, *itálico do autor*).

Para exemplificar essas condições, Lourau refere intervenções realizadas, de 1967 a 1969, quase todas em colaboração com Lapassade, no “QUADRO PRÁTICO de algumas intervenções socioanalíticas experimentais durante as quais foi elaborada a análise institucional”. O título fala por si mesmo! (LOURAU, 1975: 280).

Ao explicitar as estratégias do método de intervenção socioanalítica, o autor refere os conceitos que mais tarde seriam consideradas como regras ou princípios da Socioanálise: a análise da encomenda e da demanda, a auto-gestão do grupo, a intenção do dizer tudo, a elucidação da transversalidade, a análise das implicações, a explicação dos analisadores e a restituição. (HESS e SAVOYE, 1993; MONCEAU, 1996).

A encomenda é o pedido oficial da intervenção feito pela direção de um grupo, setor ou organização, e é o que deflagra o processo de intervenção. As demandas correspondem às solicitações, carecimentos e desejos dos participantes do grupo com o qual se vai trabalhar. Inicialmente afinadas com a encomenda, podem sofrer mudanças no decorrer do processo de intervenção. A auto-gestão é o contrato entre o grupo e o socioanalista, no sentido de definir e negociar questões relativas à agenda, horário e número de encontros e, se for o caso, aos honorários do socioanalista. O dizer tudo é a livre expressão, através da qual há a intenção de restituir os não-ditos presentes em todo grupo e instituição, como os ruídos, os segredos, a história passada etc. Elucidar a transversalidade significa analisar os vários tipos de vínculos institucionais dos participantes, a fim de diminuir a cegueira institucional. A análise da implicação, em suas dimensões de ordem afetiva, existencial e profissional, que consciente ou inconscientemente todos temos, deve ser analisada se possível coletivamente. Explicitar os analisadores, isto é, fatos e situações que surgem de forma imprevista, ou não, no processo de intervenção e que permitem identificar aspectos contraditórios e ocultos do grupo e da organização na qual os participantes se inserem. E, finalmente, a restituição, ou seja, a devolução ao grupo do que vem acontecendo no processo de intervenção. Diferentes diários (institucional, de momento, ou mesmo coletivo) são os instrumentos

mais adequados para o registro das atividades que ocorrem numa intervenção (HESS, 1988 e 2006; PEZZATO e L'ABBATE, 2011).

Atenção especial deve ser dada ao conceito de implicação, que Lourau desenvolveu ao longo da sua obra (LOURAU, 1975, 1981, 1988, 1994, 1997) e que é, sem dúvida, um dos mais relevantes para a Análise Institucional. De forma geral, implicação refere-se ao nosso envolvimento sempre presente e até de natureza inconsciente com tudo aquilo que fazemos. Barbier (1985) definiu as três dimensões da implicação: a afetivo-libidinal, a existencial e a estruturo-profissional. Ou seja, somos o tempo todo movidos pelas nossas escolhas afetivas, ideológicas e profissionais, com relação à nossa prática de pesquisa e/ou de intervenção, com as instituições às quais pertencemos, com nosso campo teórico-metodológico e com a sociedade da qual fazemos parte. (LOURAU, 2004b: 246-258) Não há como negar a existência da implicação e, sem dúvida, ter consciência de sua existência colabora para o melhor entendimento da forma como atuamos como analistas institucionais e socioanalistas. Mas do socioanalista se exige que ele, além de compreender, coloque em análise suas próprias implicações (GUILLIER e SAMSON, 1997/8).

René Lourau deu o exemplo ao expor fragmentos do diário que escrevia enquanto elaborava investigações relativas à análise da implicação de alguns intelectuais, cientistas sociais, filósofos e escritores, não só através das suas obras, mas também dos diários que escreveram ao longo das suas vidas, sendo que alguns, considerados diários íntimos⁶, foram ocultados durante muito tempo (LOURAU, 1988 e 2004c). Nestes fragmentos, Lourau analisava suas próprias implicações, revelando as dificuldades que enfrentava durante a elaboração dos trabalhos, a satisfação com a descoberta de textos até então desconhecidos, tudo isto entremeado com acontecimentos da sua vida familiar e profissional.

2.2 Lapassade e a crítica à psicossociologia dos grupos.

A intervenção realizada por Georges Lapassade junto à UNEF (União nacional dos estudantes franceses) em 1962 é considerada por alguns estudiosos como o ato fundador da Socioanálise. Segundo Rodrigues (1997), Lapassade, conhecido pelos seus interesses político-psicossociológicos-pedagógicos, atuou de 1955 a 1960 como assessor, participando de seminários de formação junto a uma residência estudantil, tendo se aproximado da direção nacional da UNEF, sindicato bastante combativo, no

contexto da sociedade francesa, mas que entrara em crise em 1962. O sindicato pedia a presença de Lapassade, com os objetivos de contribuir para uma maior aproximação entre a direção e as bases e para desburocratizar os métodos de formação, mas ele teve dificuldades em formar uma equipe de interventores, devido a vários desacordos, pois os colegas psicossociólogos insistiam na direção “personalista e afetivista dos grupos T”⁷, enquanto ele insistia na “dimensão intervencionista da situação”. Conclui a autora:

O modo de ação proposto por Lapassade tinha por meta a percepção, pelos participantes, de que a compreensão exclusiva de questões internas ao grupo – afetos, lideranças, cliques, redes etc – ocultava as condições de instauração do grupo como tal. A análise destas condições poderia levar respostas a algumas perguntas: quem decidiu a formação?, onde quando e como?; por quê? – passíveis de exibir a presença da instituição no grupo.(RODRIGUES,1997:24-5, destaque da autora).

O fato de ter realizado uma intervenção na qual questionava os processos que institucionalizavam o grupo de estudantes como tal, e ainda de ter sugerido uma autogestão generalizada do seminário, permitiu a Lapassade realizar, na opinião de Heliana Rodrigues, um “salto mortal” na direção da intervenção socioanalítica, conforme definida por Lourau. Mas, nos diz a autora, foi um salto com “êxitos e tropeços”, pois “diferentes conceitos – instituição, organização, instituição interna, instituição externa – voltam a se embaralhar” (RODRIGUES, 1997: 25).

Tais dificuldades estão presentes em “Groupes, organisations et institutions” publicado em 1966 na França, segundo o autor escrito entre 1963 e 1964, traduzido em português (LAPASSADE, 1989). Nessa obra, Lapassade traçou um panorama histórico (séculos XIX e XX) das abordagens mais significativas do conceito de grupo, que ele nomeia de fases, relacionando-as aos tipos de organizações do capitalismo moderno, levando em conta os processos de burocratização da sociedade. Nessa perspectiva, refere-se às propostas de Elton Mayo, Kurt Lewin, Moreno e Rogers (LAPASSADE,1989: 39-62).

No último capítulo deste livro, ao abordar a dialética dos grupos, das organizações e das instituições, Lapassade parte do princípio de que “a dialética será, portanto, o movimento sempre inacabado dos grupos e tem sua origem na Fenomenologia do Espírito de Hegel e na Crítica da Razão Dialética de Sartre”. Foi este último que estabeleceu a diferença entre “a série e o grupo”, sendo o “grupo em fusão” o exemplo mais puro de grupo. Isto ocorre quando os indivíduos, dispostos numa série, encontram um objetivo comum pelo qual se passa ao ato, o que se dá através de um juramento. Para Sartre, segundo Lapassade, “o juramento é a aparição de um estatuto de

permanência no grupo”, é o princípio da organização e é daí que se pode falar realmente em grupo. Mas a organização irá exigir que as funções das pessoas do grupo sejam institucionalizadas, e este é o nível da instituição nos grupos (LAPASSADE, 1989:227-253).

Heliana Rodrigues ressalta que apesar da tentativa do autor em estabelecer uma dialética entre “grupos, organizações e instituições”, estes acabam por ser tratados como “níveis ou instâncias”, algo que felizmente Lapassade revisaria em artigos posteriores (RODRIGUES, 1997).

2.3 As várias faces de Félix Guattari

Segundo Suely Rolnik, o termo Análise Institucional foi criado por Guattari, “para nomear uma tendência na ação teórica e prática que se tornou movimento na década de 60, na França” (GUATTARI, 1987: 68). E esse movimento engloba uma multiplicidade de ações nos mais diferentes grupos, desde os terapêuticos aos de seminários e aos de militância política, pois militante/analista/nômade, como definir Félix Guattari?

Para Heliana Conde Rodrigues, “é impossível fixar este intelectual sem sobrenome, título ou filiação”, que, desde 1960, “não só critica os *especialismos*, como há muito tenta ‘conciliar o inconciliável’: política (milita em grupos de extrema-esquerda), psicanálise (é um dos primeiros não médicos a participar dos seminários de Lacan) e psiquiatria (junto a Jean Oury, anima La Borde)”(RODRIGUES, 1997: 35, itálico de autora).

O hospital de La Borde, assim como o de Saint Alban foram fundamentais para as mudanças que ocorreram na psiquiatria francesa. Guattari acompanhou La Borde, desde a sua fundação em 1953, ai se instalando a partir de 1955 (GUATTARI, 1987). Sua inserção neste hospital de psicóticos foi, sem dúvida, muito importante para a elaboração de novas formas de integração entre os vários sujeitos da organização hospitalar e ainda para a criação de alguns dos conceitos que fariam parte do construto da Análise Institucional: os conceitos de analisador e os de grupo sujeito/grupo sujeito que se sustentam na transversalidade. “O papel do analisador parece consistir em trazer à luz certas situações e levar o conjunto do grupo a não poder safar-se demasiado facilmente de sua verdade” (GUATTARI, apud LAPASSADE, 1971: 71).

Ao realizar um percurso histórico do conceito de analisador, considerando que ele estava praticamente esquecido por volta dos anos 60, Remi Hess afirma que o conceito ressurgiu em seu sentido pleno na tese de René Lourau em 1969. Hess afirma que “por analisador se entenderá então uma situação que efetua (de maneira implícita) a análise” (HESS, 1979: 179)

Quanto às noções de grupo sujeitado/grupo sujeito, elas se inserem no âmbito da *transversalidade no grupo*, termo que Félix Guattari propõe em substituição ao de transferência institucional, que ele considerava “demasiadamente ambígua” (GUATTARI, 1987: 95). Para ele,

transversalidade em oposição a uma verticalidade que encontramos por exemplo nas descrições feitas pelo organograma de uma estrutura piramidal (chefes, subchefes, etc.) e a uma horizontalidade como a que pode se realizar no pátio do hospital, no pavilhão dos agitados, ou melhor ainda no dos caducos, isto é, uma certa situação de fato em que as coisas e as pessoas ajeitam-se como podem na situação em que se encontram (GUATTARI, 1987: 95-96).

Nesse contexto, o grupo sujeitado é o que se orienta por uma heteronomia, ou seja, se submete a uma orientação que vem de fora; o grupo sujeito, ao contrário, se orienta por uma autonomia, construída a partir de dentro. A intenção de toda análise é contribuir para a mudança de sujeitado em sujeito e o que possibilita tal transformação é o aumento do *coeficiente de transversalidade no grupo*, que ocorrerá a partir do momento em que o grupo apreende a existência dos seus pertencimentos de ordem vertical e horizontal. O mais comum é a existência de uma cegueira em relação a esses vínculos e o trabalho de análise será exatamente o de aumentar este coeficiente. Guattari usa a imagem da colocação de viseiras reguláveis em cavalos num campo fechado, pois elas impedem que os cavalos, totalmente cegos, se esbarrem em encontros traumáticos (GUATTARI, 1987: 95-6).

Lourau, Lapassade e Guattari, próximos num primeiro momento, separam-se, na medida em que Guattari tornou-se um crítico da Análise Institucional e da Socioanálise dos dois primeiros. No entanto “malgrado a diferença de linguagem, o nômade Guattari e o pedagogo institucional Lourau não são adversários em sua aspiração comum a condicionar a apreensão de certos efeitos visíveis (ou enunciáveis) à especificação de suas condições inconscientes de engendramento, apelando a múltiplas matrizes”. Isto não significa ausência de críticas: à proposta de Lourau e Lapassade, o fato de continuar limitada a um “microsocialismo espontaneísta” e a Guattari e a Oury⁸, a submissão “ao reformismo *alienista* ou *pedagogista*” (RODRIGUES, 1997: 37-8, itálico da autora).

3. Campo de análise X campo de intervenção: o método em questão

A reflexão feita por René Lourau, em um dos seus últimos livros “Implicação-transdução”, (LOURAU, 1997) é, a meu ver, um ponto de partida para a atitude do pesquisador-socioanalista. Ao discutir as relações entre campo de análise e campo de intervenção, ele afirmava que

Boa parte do sistema de referência ou quadro teórico deve ser potencializada, pois todo praticante de intervenção- não importa qual seja seu paradigma- sabe que nem as técnicas mais etno-metodológicas de observação, nem a atitude de escuta mais empática nem as representações que pouco a pouco fazemos da situação, levando-a a entrar no “molde” de nossos conceitos, são tão operatórios quanto o humilde material colhido na negociação permanente, e com frequência muito terra-a-terra, entre interventores e clientes (...) (LOURAU, 2004a:218-9).

Com certeza poder operar com esse humilde material pressupõe que o pesquisador-interventor tenha uma postura bastante diversa daquela comum à prática científica mais usual, o que levou Lapassade (1973) a afirmar que, no desenvolvimento do corpo teórico-conceitual da Análise Institucional, ocorrem três reversões epistemológicas: a primeira é a do instituinte contra o instituído, ou seja, interessa mais à pesquisa aquilo que no grupo ou instituição está em mudança, em tensão, em conflito, enfim o acontecimento, do que o estabelecido, definido, estruturado; a segunda reversão é o fato de que é o analisador que faz a análise. Se o analisador é “aquilo que permite revelar a estrutura da instituição, provocá-la, forçá-la a falar”, conforme afirmou Lourau (1975: 284), são os analisadores que trazem os elementos para a análise. E, finalmente, a terceira reversão é a da implicação contra a neutralidade, ou seja, numa atividade de intervenção, as implicações, sempre presentes em suas várias dimensões, devem ser consideradas e analisadas.

Na realidade devemos, ao final, nos interrogar sobre a relação sujeito-objeto. Para Lourau, quando se pensa essa relação do ponto de vista da transdução⁹, sujeito e objeto são “como no espectro das cores, dois pólos extremos e periféricos – são finais, limites. É a partir do centro (o verde-amarelo) que se sucedem as várias cores localizáveis e designáveis, fundando-se umas nas outras. Este movimento, resultado de potencializações e atualizações, é a transdução” (LOURAU, 2004a:213, parêntese do autor).

Os vários conceitos da Socioanálise, ainda segundo Lourau (2004a: 219), “funcionam, em um campo de análise, como referências cintilantes”. Para que este excesso de luz não ofusque o olhar do analista, é necessário buscar “o que se chama em matemática, cálculo em diagonal ou ‘*per gelosia*’, pela veneziana, pois o desenho adotado se assemelha a uma janela veneziana”(KANTOR, apud LOURAU, 2004a:219, itálico do autor).

Esta imagem sugere que a posição do analista institucional deve ser mediada por algo que se interponha entre a luz (que pode cegá-lo) e a sombra (que pode obscurecer sua visão). Trata-se enfim de intervir na perspectiva do “vir entre” (vir, subjuntivo do verbo ver), pois só assim o socioanalista poderá acolher o não saber, tanto em relação ao grupo, como a si mesmo. Até porque tanto as suas implicações, como as implicações dos participantes da intervenção são quase sempre plenas de elementos transferenciais e contra-transferenciais de natureza inconsciente.

4.As intervenções em anos recentes ressurgem em outras bases

A partir da análise de três coletâneas e uma revista, publicadas na França em 1997 e 1998, Antoine Savoye constatou, ao comparar o período de 1959 a 1980 ao seguinte, de 1981 a 1996, estar ocorrendo um ressurgimento da intervenção. Isto após uma grande diminuição, que o autor chama de “erosão” do número de intervenções no campo das ciências humanas e sociais. Savoye constatou também que as intervenções realizadas nesses anos mais recentes conheceram transformações importantes quanto ao seu caráter, face aos diferentes contextos sócio-políticos dos dois períodos, bem como às diferentes estratégias utilizadas como dispositivo de atuação (SAVOYE, 1999/2000).

Com efeito, as mudanças em relação à prática da intervenção socioanalítica já puderam ser observadas, segundo este autor, no número especial da Revista *Pratiques de Formation-Analyses*, de 1996, dedicada à Análise institucional e Educação. Nesta revista, os autores reconheceram que “*a intervenção não é mais, como outrora, o ‘caminho real’ e exclusivo da socioanálise*” (SAVOYE, 1999/2000: 10, itálico e aspas do autor).

Uma característica que se conserva nesse “ressurgimento” é a necessidade da presença do terceiro – “o terceiro é indispensável” –, com diferentes papéis: analisar, assessorar, mediar, avaliar, auditar, supervisionar. Para o autor, qualquer que seja a formação desse terceiro, os textos sobre intervenção do final dos anos 1990 analisados

permitem concluir que “a intervenção se declina segundo o mesmo tripé, associando, em três etapas ideais, a análise dos disfuncionamentos, as proposições de mudança e o acompanhamento das mudanças postas em marcha” (SAVOYE, 1999/2000: 11 e 13).

Gilles Monceau reconhece que a Análise Institucional se institucionaliza no mundo da pesquisa e seus pesquisadores são, em parte, profissionalizados. Daí o autor retomar uma distinção feita por Savoye, (1988, 2007) no âmbito da perspectiva sócio-histórica, ao afirmar que “me parece que nós, [os socioanalistas] passamos atualmente da institucionalização fundadora do início a uma institucionalização ordinária (ou permanente) onde se trata, para nós, mais de produzir arranjos, aperfeiçoamentos, até mesmo refundamentos parciais do que retomar causas fundamentais” (MONCEAU, 2003 : 11-12).

Este autor denomina as intervenções que vem realizando no campo da educação de ‘sócio-clínicas institucionais’, porque levam em conta a dinâmica institucional em análises localizadas e nem sempre se pode praticar a auto-gestão, um dos princípios da socioanálise. Tais intervenções envolvem atividades de análise de grupo, como na Socioanálise, acompanhamento das práticas profissionais e atividades de pesquisa. Na realidade, “a diversidade atual das modalidades de trabalho dos socioanalistas (...) não tem nada de novo. É o reconhecimento e o trabalho dessa diversidade que são bem inovadores. (MONCEAU, 2003:18).

Por outro lado, Danielle Guillier, ao comparar a prática socioanalítica do momento de sua criação (anos 60/70) com a dos anos 1990/2000, observa que, inicialmente,

a oferta de análise institucional, (...) sob a forma monolítica de intervenção socioanalítica a serviço de um projeto político revolucionário ou ao menos violentamente contestador, parecia como profundamente deslocada em relação às demandas de especialistas, de formação, de regulação e de ajuda na resolução de dificuldades diversas esperadas pelos cientistas sociais. Ao contrário, as práticas socioanalíticas atuais [anos 2000] são resolutivas para o tratamento de problemas circunscritos por aproximações e discursos amplamente compartilhados. [Tais são, por exemplos as intervenções relacionadas à temáticas como] a violência escolar, o trabalho social, a educação especializada ou a formação de adultos (GUILLIER, 2003:51).

A partir das intervenções que realizou no âmbito de organizações públicas e privadas, a autora considera que a questão da profissionalização conduzia à abordagem das práticas profissionais, levando a “uma renovação das problemáticas de formação em torno dos dispositivos de análise” que ela passou a denominar ‘análise institucional das

práticas profissionais', que pode ocorrer tanto no interior de instituições como no “quadro da formação continuada ou de um professor universitário, a partir de demandas individualizadas”. (GUILLIER, 2003)

Tais transformações na prática da intervenção no âmbito da Socionálise podem ser observadas também nos textos de duas coletâneas brasileiras publicadas por psicólogos do Rio de Janeiro nos anos de 1980 e 1990. Seus autores já apontavam para transformações nos desenhos de intervenções relacionadas a diferentes temas e organizações na perspectiva da Análise Institucional, em sua ‘versão’ brasileira (KAMKHAGI e SAIDÓN, 1987; RODRIGUES et alli., 2000).¹⁰

Ao aceitar o desafio de questionar a “sinonímia entre a Análise Institucional e as *intervenções a pedido*”, Heliana Conde Rodrigues faz uma aposta, traçando uma historização dos vários construtos que compõem o institucionalismo francês, propondo que tal análise sirva “*de intervenção* neste panorama limitado (e limitante) quanto à caracterização da Análise Institucional”. (RODRIGUES, 2004:17, itálicos da autora).

Após identificar os aspectos mais relevantes da história do institucionalismo francês, no contexto social, político, ideológico e acadêmico, bem como os diferentes vínculos institucionais dos fundadores da Análise Institucional – enfatizando, sobretudo, o acontecimento maio de 68, mas não se restringindo apenas à França –, a autora propõe o *Efeito Lourau*¹¹, no sentido de recuperar o esforço permanente deste autor de analisar o nexo entre gênese teórica e gênese social dos fenômenos que buscou compreender e analisar. Daí acreditar que “quanto maior a preservação de tal nexo, menor o risco de que um pensamento ou prática torne-se mera técnica a consumir no mercado capitalístico”. E conclui seu texto, afirmando que sua intenção, ao analisar as transformações recentes da Análise Institucional francesa, foi a de “exibir as inegáveis conexões entre as formas assumidas por ação, intervenção, teorização e escritura, e o diagnóstico do presente. Pois se a Análise Institucional é, também, intervenção por encomenda, tal marca se liga a certo *tempo*. Caso o ignoremos, corremos o risco de fazer, de uma simples contingência, um restritivo *contratempo*” (RODRIGUES, 2004: 162, itálicos da autora).

5. Análise Institucional e Intervenções no campo da Saúde Coletiva

Na experiência francesa, praticamente não há trabalhos que utilizem a abordagem da Análise Institucional e da Socioanálise para abordar objetos de

investigação e/ou de intervenção da área da Saúde. As experiências de intervenção têm sido mais presentes na área da educação, em associações de diferente tipos, em empresas etc.¹²

No Brasil, até o final dos anos 90 não era muito diferente¹³. Mesmo sem ter realizado pesquisa bibliográfica sobre tal articulação, é provável que os conceitos da Análise Institucional e da Socioanálise estivessem presentes em investigações e análises de intervenções do campo da saúde em geral e, particularmente, no da Saúde Coletiva. Mas, a utilização de forma mais consistente do referencial da Análise Institucional na área da Saúde Coletiva vem ocorrendo, sobretudo, a partir dos anos 2000.

Isto se deu, a meu ver, por duas razões: a primeira relacionada ao fato de que foram, sobretudo, profissionais da área Psi não atuantes da área da Saúde Pública ou da Saúde Coletiva, os primeiros a utilizar a Análise Institucional nas suas investigações e intervenções, quando da introdução dessa disciplina no Brasil nos anos 70, conforme comentado na introdução deste texto. A segunda razão decorre do fato de a maior parte dos textos sobre Análise Institucional e Socioanálise, publicados na França, não terem sido traduzidos para o português, a não ser em anos mais recentes.

Realmente, a partir dos anos 2000, é possível perceber um aumento da utilização do referencial da Análise Institucional em disciplinas do campo da Saúde Coletiva, como Planejamento e Gestão em Serviços de Saúde e Ciências Sociais em Saúde. Foi, inclusive, no interior dessa última, que introduzi, em 2002, junto à Pós graduação em Saúde Coletiva do DSC/FCM/Unicamp, a disciplina de “Análise Institucional: teoria e prática” e depois instituí a linha de pesquisa “Análise Institucional e Práticas de Saúde”. Ainda neste ano, criei junto com outros professores e alunos de mestrado e doutorado o Diretório de Pesquisa do CNPq “Análise Institucional e Saúde Coletiva”, em atividade até o momento.¹⁴

Uma primeira abordagem articulando Análise Institucional e Saúde Coletiva encontra-se num texto apresentado em um Seminário em Paris 8 (L’ABBATE, 2002), depois publicado, com algumas alterações, no Brasil (L’ABBATE, 2003). Nesses textos pude demonstrar a potencialidade desse referencial, ao realizar a Análise Institucional **da e na** Saúde Coletiva. A primeira corresponde à ‘análise de papel’, considerando a Saúde Coletiva como instituição, abordando a especificidade do momento de sua fundação através da Associação Brasileira de Pós-Graduação de Saúde Coletiva (Abrasco), criada em 1979, e da análise das diferentes definições do conceito de

'coletivo' para qualificar 'saúde', realizada por Maria Cecília de Ferro Donnangelo, com a intenção de instituir um novo paradigma que permitisse outro tipo de articulação entre as diferentes formas de atuar das instituições da Saúde Pública e da Assistência Médica (DONNANGELO 1983).

A partir dos conceitos de instituição e de analisador, a trajetória da Saúde Coletiva foi abordada em suas dimensões científico-acadêmica e político-ideológica nos artigos acima mencionados, com a intenção de desvendar seus processos instituintes, produzidos pelos inúmeros desafios colocados pelo contexto sócio-econômico e político do país, com ênfase nas questões mais específicas da organização do sistema público de saúde, na construção e concretização do Sistema Único de Saúde (SUS).

Uma intervenção de longa duração (1993-1999), que envolveu cerca de 92 profissionais do Serviço Social do Hospital das Clínicas e do Centro de Assistência à Saúde da Mulher (CAISM) da Unicamp, pode ser considerada como Análise Institucional **na** Saúde Coletiva, ou seja, 'análise em situação'. O trabalho resultou de uma encomenda das direções dos respectivos serviços, com base em dois conteúdos básicos: um primeiro, direcionado para a reflexão sobre a natureza e especificidade da atuação do assistente social num hospital público, e um segundo, voltado para a análise das relações interpessoais que ocorriam nas equipes desses profissionais. Na realidade, tais temáticas foram propostas a partir de demandas dos próprios trabalhadores, num momento em que a categoria buscava maior qualificação profissional (L'ABBATE, 2001/2002 e 2004).

Durante estes seis anos, os diferentes grupos de assistentes sociais (dos ambulatórios, das enfermarias da seção de diagnóstico e do pronto socorro) reunidos regularmente, realizaram uma Análise Institucional das Práticas Profissionais, próxima da perspectiva colocada acima por Danielle Guillier (GUILLIER 2003).

Observe-se também que, para exercer esta atividade, eu recebia uma complementação salarial à qual tinha direito como docente da FCM-Unicamp. Tal complementação era atribuída a todos os docentes da faculdade que exerciam atividades relacionadas diretamente e/ou como apoio à assistência à saúde do usuário. E esta atividade se enquadrava nesta última categoria.¹⁵

Ao analisar minha implicação com este trabalho, e sabendo da relevância do dinheiro como analisador, uma vez que, para René Lourau, "o analisador dinheiro é um dos mais sensíveis da socioanálise" (LOURAU, 1997a: 30), propus colocar em análise a existência deste pagamento. Este fato provocou diferentes reações dos profissionais,

transformando-se num verdadeiro analisador, revelando aspectos até então ocultos ou não manifestos não apenas relacionados à organização hospitalar, mas à própria Universidade. Enfim, vieram à tona os porquês das diferenças salariais dos diferentes profissionais que cuidam direta ou indiretamente da assistência ao usuário, assim como o fato de que nem sempre são conhecidos os meandros pelos quais passa o dinheiro nas grandes organizações.

Outra intervenção da qual participei foi realizada na Secretaria Municipal de Saúde de Campinas em 2001 e 2002, junto às equipes multiprofissionais dos cinco Distritos de Saúde, do Hospital Municipal Mario Gatti, da Vigilância em Saúde, do Ambulatório de DSTs e Aids e do Colegiado Gestor da Secretaria. Constituíamos um grupo de seis profissionais: três do campo grupalista e da Análise Institucional e três do campo da gestão e planejamento, e nos dividimos em três subgrupos ou duplas, cada dupla com um profissional de cada ‘campo’ e por isso nos intitulamos de grupo híbrido ou mestiço (MOURA et alli., 2003)

A encomenda da intervenção foi feita pelo então secretário municipal de saúde, que assumiu a direção da secretaria, no contexto de uma administração que havia sido eleita, em 2001, por uma coligação de esquerda liderada pelo Partido dos Trabalhadores.¹⁶ Com a intenção de instituir um novo modelo de gestão e atenção à saúde, denominada Saúde Paidéia (CAMPOS, 2003), a encomenda foi feita no sentido do trabalho institucional dar “suporte às equipes para lidar com o processo de mudança iniciado com a nova gestão” (MOURA et alli., 2003: 170).

Alguns dos efeitos da intervenção, cujo dispositivo se dava mediante encontros mensais dos analistas com as diversas equipes, foram revelados pelos participantes nos últimos encontros. Para eles, a atuação do grupo híbrido provocou mudanças no processo de trabalho, tanto em relação ao papel de apoiador¹⁷ dos profissionais que atuam nos distritos de saúde, na sua relação com os coordenadores e demais profissionais das equipes das unidades básicas, como “no processo de produção de subjetividade desses diferentes atores”(MOURA et alli., 2003: 180).

Constatou-se também a existência de pontos comuns nas várias equipes, dentre os quais salientavam-se: as dificuldades de lidar com as mudanças que o projeto Paidéia exigia, ou seja: a contradição entre o velho e o novo; as contradições entre ser governo e ser apoio às diferentes equipes e as dificuldades e conflitos existentes a partir daí; a falta de condições a serem desenvolvidas para poder atuar como apoiador; e também a difícil

tarefa de construir a grupalidade nas diferentes equipes em meio à “roda viva” na qual o trabalho cotidiano se desenvolvia.

Foi possível perceber que a intervenção afetou não apenas os profissionais das equipes da SMS envolvidas no trabalho, mas também o próprio grupo de analistas, que se viram na contingência de transversalizar seus saberes, possibilitado pelo processo de co-gestão vivenciado pelo grupo, sobretudo através das duplas, conforme explicitado acima. E as condições para tanto decorreram do “espaço de livre circulação da palavra e à regra da restituição preservados durante todos os encontros (MOURA et alli., 2003:181).

Ao final, concluímos que o processo de análise, embora tenha se encerrado no final de 2002, de certa forma encontrava-se, do ponto de vista das equipes, apenas no seu momento inicial. Por isso,

(...) pensamos que isto talvez se deva igualmente ao fato de que o que se refere à gestão - seja da intervenção, seja das próprias ações dos participantes das equipes no seu dia-a-dia - se faz de um modo, diríamos, silencioso, mais na condição de um ato produtor de novos settings, visando a mudanças que coincidem com as preconizadas tanto pelo método proposto por Campos [o método Paidéia], quanto pela Análise Institucional e por uma certa concepção no campo da gestão (MOURA et alli., 2003: 183-4, destaque do texto).

Resta colocar que o modelo de Saúde Paidéia manteve-se até 2005 e, a partir daí, foi sofrendo paulatinamente um grande desgaste, produzido pelo descompromisso da direção municipal eleita naquele ano (e que permaneceu até o final de 2011) com a proposta e com o atendimento à saúde da população de forma geral. Tal desgaste se acentuou fortemente nos dois últimos anos devido à enorme crise provocada pela série de escândalos nos quais a administração municipal se envolveu.¹⁸

5.1 Breve referência à produção do Diretório de Pesquisa Análise Institucional e Saúde Coletiva

Em relação ao grupo do diretório de Análise Institucional & Saúde Coletiva, decorridos nove anos da publicação do artigo “A análise institucional e a saúde coletiva” (L'ABBATE, 2003), é possível perceber, a partir da produção de dissertações, teses, artigos e textos, a utilização da Análise Institucional, sob as formas de ‘análise de papel’ e/ou de ‘análise em situação’ na abordagem de objetos relevantes para a Saúde Coletiva. Dentre os quais, encontram-se: a relação entre gestão e subjetividade em novos modelos de trabalho em equipe de hospitais públicos; processos de reforma

curricular nos cursos de enfermagem e medicina de uma universidade pública; a análise da participação dos usuários nas atividades de grupo-educativos para doentes crônicos em unidades básicas de saúde; a análise de situações de conflito em equipes de enfermagem no âmbito da organização hospitalar; a relação entre os Centros de Apoio Psicossocial/CAPS e a Estratégia de Saúde da Família na abordagem dos pacientes de saúde mental em Campinas; a articulação entre Psicodrama e Análise Institucional; a análise do caráter instituinte de uma proposta em Saúde Bucal; o Lian Gong como prática integrativa e instituinte de Promoção da Saúde; a análise sócio-histórica da Medicina Geral Comunitária no Brasil; a institucionalização de um serviço de Saúde Mental em um município de pequeno porte (Paraisópolis-MG); Internações por condições sensíveis à Atenção Primária com enfoque na população idosa em Campinas; dispositivos de gestão na Vigilância e a Rede de atenção em Saúde em Campinas; a análise dos fóruns de saúde mental (Rede Mista) em Campinas e Análise institucional e Política de Educação Permanente em Sorocaba-SP.¹⁹

Como caracterizar os tipos de intervenção referidas acima (L'ABBATE, 2004; MOURA et alli., 2003), bem como os modelos adotados em algumas teses de profissionais do Diretório?²⁰. Sem deixar de considerar os princípios fundadores da Socioanálise, acredito que essas várias intervenções adotaram características que as aproximam daquelas referidas por Antoine Savoye, Gilles Monceau e Danielle Guillier (SAVOYE, 1999/2000; MONCEAU, 2003; GUILLIER, 2003).

Pode-se afirmar que nenhuma delas adotou o modelo clássico da Socioanálise conforme foi proposto no início da constituição da Análise Institucional. Outro aspecto fundamental é que por tratar-se de trabalho acadêmico, cada uma das intervenções constituía-se, na realidade, pesquisa-intervenção. Além da quase totalidade dessas intervenções²¹ terem sido de longa duração, o pesquisador que intervinha não era exatamente um terceiro, mas fazia parte da organização na qual a intervenção estava sendo desenvolvida ou do próprio grupo instituído a partir da instituição da intervenção.

Outra diferença é que não havia propriamente uma encomenda e a intervenção foi proposta pelo pesquisador(a), que percebia que as demandas provenientes das equipes coincidiam com a encomenda que sua investigação colocava para si mesmo. Evidente que tudo isto exigiu, o tempo todo, dos autores, um contínuo trabalho de negociação e de restituição, e, sobretudo, a constante análise das implicações.

Concluindo

A trajetória construída e em construção articulando Análise Institucional e Saúde Coletiva, a meu ver, apresenta-se como promissora, e em franco desenvolvimento. Daí a necessidade de divulgá-la para que outros estudiosos possam dela se aproximar. O importante é que, dentro de uma postura crítica e ao mesmo tempo construtiva, haja abertura para outras possibilidades, outros arranjos.

Aqui me permito criar um outro *efeito Lourau*: o de não se conformar com o que já está formatado, ou seja, instituído; mas, ao contrário, desconfiar sempre do trabalho que apenas repete o que já foi realizado. Não ter medo de inovar e de aceitar os desafios que a Saúde Coletiva está, a todo momento, nos propondo.

Como os trabalhos produzidos de pesquisa-intervenção aqui apenas mencionados foram realizados no âmbito da Academia, eles tiveram de seguir as regras exigidas para um trabalho científico. Mesmo assim, seu autores conseguiram impedir que tais leis, que em geral têm intensa luminosidade, os cegassem. Lembrando Lourau,, acredito que isto se deveu, em grande parte, ao uso de um tipo de veneziana: lâminas que se abriam e se fechavam tendo em vista a inserção de cada um no interior do processo de investigação, e vice-versa, do processo de investigação em cada um. Tal estratégia foi possível, sobretudo, pela análise das implicações, não só do pesquisador/autor do trabalho como também dos participantes das investigações, que não se sentiam objetos, mas sujeitos de todo o processo.

E este não seria um outro *Efeito Lourau*?

Referências

- BARBIER, René. *Pesquisa-ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BAREMBLITT, Gregório. *Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática*. 5ª ed. Belo Horizonte, MG, Instituto Félix Guattari, 2002.
- CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Saúde coletiva e Método Paidéia. Saúde, cultura e a concepção Paidéia de sujeito. In: CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa (org.)- *Saúde Paidéia*. São Paulo: Hucitec, 2003:21-50.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

- DONNANGELO, Maria Cecília Ferro. A pesquisa na área da Saúde Coletiva no Brasil- a década de 70. In: *Ensino da Saúde Pública, Medicina Preventiva e Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Abrasco, 1983:17-35.
- GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. 3ª ed. São Paulo : Brasiliense, 1987.
- GUILIER, Danielle e SAMSON, Dominique. Implication: des discours d’hier aux pratiques d’aujourd’hui. *Les Cahiers de l’implication*. Revue d’analyse institutionnelle, n° 1, 1997/98:17-29.
- GUILIER, Danielle. L’analyse des implications dans les pratiques socianalytiques: celles de l’analyste ou/et celles de son client? *L’homme et la Société*, n° 147-148, 2003/1-2: 35-53.
- HEGEL, George Wilhem Friedrich. A Fenomenologia do espírito. In: HEGEL, George Wilhem Friedrich. *Fenomenologia do espírito; Estética: a ideia e o ideal; Estética: o belo artístico e o ideal; Introdução à História da Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1980: 2-75.
- HESS, Remi. El analizador en la institución. In: LAPASSADE, Georges (org.) *El analizador y el analista*. Barcelona : Gedisa, 1979: 161-180.
- HESS, Remi. Une technique de formation et d’intervention: le Journal institutionnel. In: HESS, Remi e SAVOYE, Antoine (orgs.) *Perspectives de l’analyse institutionnelle*. Paris : Méridiens Klincksieck, 1988: 119-138.
- HESS, Remi. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, Eliseu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto e JOSSO, Marie-Christine (orgs.) *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006: 89-103.
- HESS, Remi e SAVOYE, Antoine. *L’analyse institutionnelle*. 2ª ed. Paris: PUF, 1993.
- KAMKHAGI, Vida Rachel e SAIDÓN, Oswaldo (orgs.) *Análise Institucional no Brasil: favela, hospício escola, Funabem*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- L’ABBATE, Solange. L’argent, un analyseur de l’institution médico-sociale au Brésil. *Les Cahiers de l’implication*. Revue d’analyse institutionnelle, n° 5, 2001/2002: 57-69.
- L’ABBATE, Solange. Santé collective et analyse institutionnelle : conditions d’interaction. In : MONCEAU, Gilles e NASCIMENTO, Maria Livia (orgs.) *Education, médecine et action sociales : de la recherche clinique au politique*. Université Paris-VIII (Saint Denis), 2002: 51-64.
- L’ABBATE, Solange. A análise institucional e a saúde coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(1), 2003: 265-274.
- L’ABBATE, Solange. O analisador dinheiro em um trabalho de grupo realizado num hospital Universitário em Campinas/São Paulo: revelando e desvelando as contradições institucionais. In: RODRIGUES, Heliana de Barros Conde e ALTOÉ, Sônia (orgs.) *Saúde Loucura* 8. Análise Institucional. São Paulo: Hucitec, 2004:79-99.
- LAPASSADE, Georges. Analyse institutionnelle et socianalyse. *Connexions*, n° 6, 1973: 35-57.

- LAPASSADE, Georges. *El analizador y el analista*. Barcelona: Gedisa, 1979.
- LAPASSADE, Georges. *Grupos, organizações e instituições*. 3ªed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- LE NOUVEAU PETIT ROBERT. Dictionnaire alphabétique et analogique de la Langue Française. Paris, Dictionnaire Le Robert, 2004.
- LOURAU, René. *A análise institucional*. Petrópolis : Vozes, 1975.
- LOURAU, René. *Le lapsus des intellectuels*. Toulouse : Privat, 1981.
- LOURAU, René. *Le journal de la recherche*. Paris : Méridiens-Klincksieck, 1988.
- LOURAU, René. *Actes manqués de la recherche*. Paris : Puf, 1994.
- LOURAU, René. *Implication Transduction*. Paris : Anthropos, 1997.
- LOURAU, René. *La clé des champs*. Paris : Anthropos, 1997a.
- LOURAU, René. Objeto e método da análise institucional. In: ALTOÉ Sônia (org.). *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004: 66-86.
- LOURAU, René. Implicação-transdução. In: ALTOÉ, Sônia (org.). *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004a: 212-223.
- LOURAU, René. Implicação: um novo paradigma? In: ALTOÉ, Sônia (org.). *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004b: 246-258.
- LOURAU, René. Uma técnica de análise de implicações: B. Malinowski, *Diário de etnógrafo*.(1914-1918) In: ALTOÉ, Sônia (org.). *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004c: 259-283.
- MONCEAU, Gilles. L'intervention socianalytique. *Pratiques de Formation- analyses*, nº 32, 1996: 25-38.
- MONCEAU, Gilles. Pratiques socioanalytiques et socio-clinique institutionnelle. *L'Homme et La Société*, nº 147-148, 2003/1-2 :11-33.
- MOURA, Arthur Hyppólito ; VASCONCELOS, Cipriano Maia ; PASCHE, Dario Frederico ; BARROS, Regina Duarte Benevides ; ONOCKO-CAMPOS, Rosana e L'ABBATE, Solange. Análise do trabalho institucional nas equipes dos distritos sanitários e no hospital Mario Gatti de Campinas. In: CAMPOS, Gastão Wagner (org.) *Saúde Paidéia*. São Paulo, Hucitec, 2003:167-185.
- PEZZATO Luciane Maria e L'ABBATE, Solange. O uso dos diários como ferramenta de intervenção da Análise Institucional: potencializando reflexões no cotidiano da Saúde Bucal Coletiva. *Physis*. Revista de Saúde Coletiva, 21(4), 2011: 1297-1314.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *As subjetividades em revolta: institucionalismo francês e novas análises*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Medicina Social/ IMS-UERJ, Rio de Janeiro, 1994.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. O acrobata e o contrabandista: figuras histórico-caleidoscópicas para pistas (ainda) atuais de Lapassade e Guattari, com vistas a uma psicossociologia crítica. *Cadernos do IPUB*, nº 7 1997:[s.n] (49p.).

- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; LEITÃO, Maria Beatriz e BARROS, Regina Duarte Benevides (orgs.) *Grupos e instituições em análise*. 2ªed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde e BARROS, Regina Duarte Benevides. Socioanalyse et pratiques groupales au Brésil: un mariage hétérogène. *L'Homme et la Société*, nº 147-148, 2003/1-2: 55-70.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. À beira da brecha: uma história da análise institucional francesa nos anos 60. In: AMARANTE, Paulo (org.) *Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade*. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, 2000 :195-256.
- RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Análise Institucional Francesa e Transformação Social: o tempo (e contratempo) das intervenções. In: RODRIGUES, Heliana de Barros Conde e ALTOÉ, Sônia (orgs.) *SaúdeLoucura* 8. Análise Institucional. São Paulo : Hucitec, 2004:115-164.
- SAVOYE, Antoine. La résurgence de l'intervention. *Les Cahiers de l'implication*. Revue d'analyse institutionnelle, nº 3,1999/2000: 9-16.
- SAVOYE, Antoine. Du passé faisons l'analyse. In: HESS, Remi e SAVOYE, Antoine (orgs.) *Perspectives de l'analyse institutionnelle*. Paris : Méridiens Klincksieck, 1988 : 153-164.
- SAVOYE, Antoine. Análise Institucional e pesquisas sócio-históricas: estado atual e novas perspectivas. *Mnemosine*, vol 3, nº 2, pp. 181-93, 2007. www.cliopsyche.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/issue/view/20

Solange L'Abbate é socióloga, professora associada (livre docente) do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp.

E-mail: slabbate@lexxa.com.br

¹ Uma primeira versão desse texto, denominada “Intervenção e Pesquisa Qualitativa em Análise Institucional” foi publicada no livro *Pesquisa Qualitativa em Saúde. Múltiplos olhares*, organizado por BARROS, Nelson Filice; CECATTI, José Guilherme e TURATO, Egberto Ribeiro. Campinas: Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, 2005: 235-246. Para o presente texto, foram atualizadas várias informações e referências bibliográficas.

² Esta é a citação com a qual René Lourau abre seu texto “Objeto e método da Análise Institucional”, publicado em ALTOÉ, 2004:66-86. Lourau informa que este excerto foi escrito por Guattari para a apresentação de um número da revista *Liminaire de Recherches*, de março de 1973.

³ A tradução deste e de outros textos escritos originalmente em francês foram feitas pela autora.

⁴ São denominações comuns à Análise Institucional/AI: Gregório Barembliitt (2002) nomeia a AI de movimento e corrente e René Barbier (1985: 65) refere a existência de 4 (quatro) correntes de Análise Institucional, conforme a ênfase seja atribuída à sociologia, à psicologia, à psicanálise ou à filosofia.

⁵ No decorrer do texto, às vezes utilizarei os termos Análise Institucional e Socioanálise, outras vezes apenas o primeiro, mas com o sentido de abranger também o segundo.

⁶ Sem dúvida o de Malinowski foi um dos mais famosos. (LOURAU, 2004c)

⁷ Grupo T ou Training Group é um grupo de formação. Segundo R. Mergniez, citado por Georges Lapassade, é um grupo no qual o monitor fala com frequência “nas leis gerais do grupo, de que o grupo presente não seria mais do que um exemplo” (LAPASSADE, 1989: 83).

⁸ Jean Oury trabalhou com Guattari na constituição do projeto do Hospital de La Borde, na perspectiva da Psicoterapia institucional..

⁹ Conceito originado da Física, introduzido por Gilbert Simondon, que designa “o movimento pelo qual um acontecimento, uma partícula propaga pouco a pouco uma desordem dos campos de forças e é criador de formas novas”(GUILLIER e SAMSON, 1997/98: 29).

¹⁰ A 1ª edição dessa coletânea é de 1992.

¹¹ No curso dos últimos vinte anos, a AI destacou certo número de “efeitos” que se manifestam no campo do conhecimento ou, mais amplamente, no campo social. O que é um efeito? Não é uma lei sociológica, mas a formalização de um fenômeno recorrente que se reproduz em certas condições. Uma vez estabelecidas essas “constâncias” sociais, seu conhecimento pode guiar análises em curso ou futuras (HESS e SAVOYE, 1993:72). A partir dessa definição, nos autorizamos a inventar e nomear outros efeitos.

¹² Isto pode ser constatado nos *Les Cahiers de l'implication*, Revue d'analyse institutionnelle criada por René Lourau e seu grupo do Laboratório de Pesquisas em Análise Institucional do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Paris 8-Saint Denis, França, em 1997, publicada até 2008. Nos oito números publicados, há cinco artigos que tratam de temas relacionadas à saúde, quatro deles de autores brasileiros.

¹³ Nas duas coletâneas referidas (KAMKHAGI e SAIDÓN, 1987; RODRIGUES et alli., 2000), há apenas um texto que refere uma intervenção sobre um trabalho relacionado à saúde comunitária em dois momentos publicado nas duas coletâneas.

¹⁴ Tais atividades deram seqüência ao meu pós doutorado em Análise Institucional realizado junto ao Depto de Ciências da Educação da Universidade Paris 8 Saint-Denis, França, de agosto de 1999 a dezembro de 2000, sob orientação dos Profs René Lourau e Antoine Savoye.

¹⁵ Esta complementação, à época da intervenção denominada Fundo de Complementação Salarial (FUCS), corresponde a cerca de 20% da verba que o SUS repassa à Universidade como subvenção para pagar a assistência prestada à população pela Faculdade de Ciências Médicas no Complexo Hospitalar Universitário (CHU), e é recebida mensalmente pelos docentes. (L'ABBATE, 2004: 83). Atualmente é denominada Fundo de Valorização da Atividade Docente (FVDA).

¹⁶ Gastão Wagner de Sousa Campos, Prof Titular do Depto de Medicina Preventiva e Social, atual Depto de Saúde Coletiva.

¹⁷ “Apoiador: função que substitui o antigo papel de supervisor nos moldes tayloristas identificado com o controle, o autoritarismo, a hierarquização e a rigidez das diferentes linhas de mando aí presentes. Os apoiadores constituem-se em equipes interdisciplinares formadas por diferentes profissionais da área da saúde e devem sustentar o apoio aos gestores e às equipes assistenciais com recursos pedagógicos, analíticos e políticos”. (MOURA et alli., 2003:176)

¹⁸ Tais escândalos, envolvendo membros da administração municipal, estão em análise pelo Ministério Público, mas já provocaram a cassação do prefeito e do vice-prefeito, e na eleição pela câmara de vereadores de um novo prefeito (no caso o presidente da câmara). E como se não bastasse isto, recentemente, há a iminência de demissão de cerca de 1200 funcionários da rede pública da saúde, devido à irregularidade de seus contratos de trabalho, situação questionada pelo Ministério Público. A contratação de novos funcionários será por concurso, prevendo-se, portanto, um longo período para o quadro ser reposto, isto apesar da luta do Conselho Municipal de Saúde que tem se posicionado contrário a estas demissões. Infelizmente, por tudo isto, a rede básica de saúde de Campinas, considerada até há pouco tempo, um modelo para outros municípios, vive atualmente uma situação extremamente precária, com visível piora do atendimento à população, conforme vem sendo demonstrado cotidianamente pelo noticiário local televisivo, radiofônico e jornalístico.

¹⁹ Esta produção será analisada por mim na Introdução ao livro “Análise Institucional e Saúde no Brasil”, em preparação pelo grupo do Diretório. A publicação pela Editora Hucitec está prevista para o final de 2012.

²⁰ Os trabalhos são os seguintes: SILVA, Ana Lúcia Abrahão da. *Produção de subjetividade e gestão em saúde: cartografias da gerência*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, Campinas, 2004; SPAGNOL, Carla Aparecida. *A trama de conflitos vivenciada pela equipe de enfermagem no contexto da instituição hospitalar: como explicitar seus “nós”?* Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, Campinas, 2006; PEZZATO, Luciane Maria. *Encontros, Instituições e Sujeitos em Análise: a Alta Pactuada em Saúde Bucal*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, Campinas, 2009; JESUS, Aideivaldo Fernandes. *O processo de institucionalização de um serviço de Saúde Mental em um município de pequeno porte: o caso de Paraisópolis/MG*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, Campinas, 2012. Todas essas teses encontram-se disponíveis no site da FCM/Unicamp (Pós Graduação em Saúde Coletiva)

²¹ Exceção à intervenção realizada por Carla Aparecida Spagnol (SPAGNOL, 2006).